

MARIA ROMERO MENESES

FILHA DE MARIA AUXILIADORA, BEATA

Maria Romero nasce em 13 de janeiro de 1902 em Granada da Nicarágua, de Félix Romero Arana e Ana Blandón, ambos de antiga ascendência espanhola. O Pai, mediante uma rápida carreira administrativa, chegou ao cargo de ministro do governo liberal. Na família, de classe burguesa, a pequena Maria cresce feliz com outros sete irmãos, que sobreviveram aos treze filhos de Ana Meneses, gozando do delicado amor dos pais e das histórias e da predileção da avó materna enferma. A primeira instrução foi-lhe dada pelas sete tias maternas na escola particular administrada por elas; ao mesmo tempo é iniciada em desenho e pintura, começando o estudo de violino e piano, com excelentes mestres que cultivam com sucesso a sua grande inclinação para a música.

Aos oito anos, depois de três dias de exercícios espirituais, vive intensamente a festa da Primeira Comunhão, e aos doze anos é matriculada na escola das Filhas de Maria Auxiliadora, presentes há um ano na Nicarágua numa sede provisória; ela, porém, é obrigada a repetidos períodos de ausência devido à febre reumática que a imobilizam no leito com progressivo agravamento e sério risco de vida. Revela-se, nesta ocasião, a vontade já amadurecida e a têmpera moral da adolescente, que consegue considerar como “dons de Deus” as intensas dores que a afligem. Uma colega de escola, que a visita com frequência, encontra-a certo dia como que “iluminada a partir de dentro” e ouve dizer: “Sei que a Virgem Santa vai me curar”. De fato, depois de alguns dias pôde levantar-se e voltar à escola apesar da prostração de seis meses de doença.

No colégio, que graças à sábia organização tem um desenvolvimento rápido, Maria acompanha aulas regulares de música e língua estrangeira, além de receber uma formação geral organizada segundo o Sistema Preventivo de Dom Bosco, que incidirá de modo duradouro em sua vida. Grande significado assume no amadurecimento de Maria a obra do confessor e diretor espiritual padre Emílio Bottari, Salesiano missionário iluminado e firme na orientação das almas.

Em 8 de dezembro de 1915, Maria inscreve-se entre as Filhas de Maria e “goza de uma daquelas alegrias que não têm nome”, ao entregar-se com plena confiança à santa Mãe de Deus. Intimamente tomada pelo amor de Deus, pouco mais tarde decide entregar-se inteiramente ao Senhor, e o seu confessor recebe o seu voto de castidade diante do SS.mo Sacramento. Com estas disposições, percebe que a vocação religiosa, como recordará depois, “se enraizava sempre mais intensamente em sua alma”. Remonta a esse período uma singular “primeira experiência mística” da adolescente Maria que um dia, ao abraçar a

irmã mais velha, confidenciava comovida: “Vi nossa Senhora, mas não o diga a ninguém”.

Finalmente, aos dezoito anos, pode coroar o seu sonho e entrar no Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. O sacerdote-diretor cumprimenta Maria com uma recomendação incisiva: “Virão momentos difíceis e poderá acontecer que te sintas como despedaçada aos poucos; mas permanece sempre fiel e firme na tua vocação”. Palavras de ouro, que Maria recordará muitas vezes nos numerosos “momentos difíceis” dos quais a vida lhe será pródiga.

Com este programa, vivido num caminho de crescente intimidade com Jesus “seu Rei” e com Maria “sua Rainha”, Maria Romero prepara-se para a consagração religiosa após os dois anos de noviciado em Santa Tecla, El Salvador, em 6 de maio de 1923. A partir daquele dia, renovará todos os dias a sua entrega total ao Senhor, com uma fórmula ampliada e personalizada que termina assim: “Renovo os meus votos no teu amor, com o teu amor, pelo teu amor”. Em 1929, irmã Maria faz os votos “in perpetuo”.

Em 1931 é transferida a San José da Costa Rica, que será sua segunda pátria. Por dois anos fica ao lado da Mestra de noviciado e, depois, retoma o ensino: música, desenho e datilografia, que alterna com a catequese para as crianças dos bairros periféricos da cidade. Pouco eficiente em “manter a disciplina”, entendida como silêncio e ordem irrepreensível (e é ela a primeira a reconhecê-lo e ironizar sobre este seu limite) é, contudo, capaz de atrair o auditório pela largueza do coração, quando fala do amor de Jesus, do valor da instrução religiosa, da assistência materna de Maria Santíssima. “Na sua presença, percebia-se a ação do Espírito Santo”, recordam algumas alunas, que melhoravam espontaneamente de vida, a ponto de se tornarem suas ajudantes e colaboradoras. Iniciam, então, em 1934, as atividades catequéticas e missionárias das jovens misioneritas. As estudantes formadas por ela e conquistadas à causa vão com grande dedicação às periferias urbanas e, depois, a povoados mais distantes. Visitam e socorrem famílias pobres, anunciando a verdade cristã ao povo que a vida da cidade marginalizou ou que se degradaram no isolamento e em condições sub-humanas.

A caridade de irmã Maria não conhece limites de espaço e tempo; tende a expandir-se continuamente de formas novas. Depois de criar a obra dos oratórios nos bairros (1945), a partir de 1953 começa a distribuir semanalmente, com regularidade, pacotes de alimentos aos pobres, mobilizando a caridade das famílias ricas com as quais entra em contato através da escola; primeiramente, no próprio colégio, depois a partir de 1959 numa pequena casa construída a pouca distância numa antiga plantação de café. Trata-se de ultrapassar não poucas “dificuldades ambientais” derivadas da frequência dos indígenas nos ambientes do colégio e da escola.

A fim de instruir e formar as pobres meninas que o egoísmo dos grandes ignora ou abandona, ou desfruta sem escrúpulos, são necessários ambientes adequados nos quais hospedá-las, dando-lhes cursos de instrução e qualificação profissional. Estes terão início em 1961 na pequena casa, enriquecida de uma bela capela, grande e logo cheia, por turnos, de várias categorias de pessoas, atraídas pelo seu coração apostólico. Para todos, tem início em 1965, turnos regulares de exercícios espirituais, primeiramente para os que tendo aderido à sua causa em favor dos indígenas colaboram gratuitamente nas várias atividades; depois, para outras pessoas de todas as idades e categorias, a partir das “senhoras do auxílio”, como irmã Maria chama as mães de família e outras mulheres alcançadas pela sua beneficência das quais pede pequenas ajudas simbólicas de colaboração nas atividades da casa.

Depois, para defender a saúde dos que são privados de assistência médica e de qualquer auxílio, irmã Maria projeta nada menos do que um ambulatório com várias especializações; parecem coisas impossíveis, mas irmã Maria “sabe” que Nossa Senhora se encarregará de tudo. O início do projeto, com a participação gratuita de pessoal médico especializado e a oferta dos equipamentos necessários, coloca-se nos anos 1966-1967.

Um parêntesis importante na vida de irmã Maria Romero se dá pela sua viagem à Itália, de julho a outubro de 1969: “Acontecimento incancelável”, escreve, que lhe permite uma experiência próxima do carisma de Dom Bosco, e a “grandíssima alegria” de um encontro pessoal com o santo padre Paulo VI, a quem pede bênçãos para muitos e muitos casos desesperados que traz no coração, e para muitos nomes que tem entre as mãos numa longa lista. Entre as coirmãs que encontra, em várias casas do Instituto, onde a Superiora-Geral a convida para falar da própria experiência, deixa marcas de espírito missionário autêntico, de amor à Igreja, de “louco amor” por Nossa Senhora, que visitou com íntima comoção na “Santa Casa” de Loreto.

Quando as atividades do dispensário entraram em pleno ritmo, irmã Maria preocupa-se em “curar” também outros tipos de doenças juvenis, acolhendo e indo pessoalmente em busca das pobres filhas da rua que têm na fome uma péssima conselheira. A “Escola de orientação social” tem início num milagre de Maria Auxiliadora, invocada com filial confiança por irmã Maria, em favor de uma menininha atingida por leucemia aguda. A menina é filha de um rico industrial e será justamente ele a oferecer por primeiro as máquinas e os equipamentos para a escola em que, ao longo de vinte anos, se contarão aos milhares as meninas salvas, preparadas e sucessivamente iniciadas na fábrica. A presença delas transformará o ambiente da fábrica, tornando-se escola para outras jovens operárias.

Entretanto, irmã Maria é tomada por uma constante preocupação diante das muitas, demasiadas famílias de paupérrimos que não têm casa e vivem praticamente em buracos ou abrigos precários às margens das ruas da periferia:

são pobres cuja dignidade que ainda lhes resta os impede de pedir esmola. Diz irmã Maria, que já passa dos setenta anos, apresentando um projeto à superiora: “Não gostaria de morrer com uma omissão na consciência, que naquele momento supremo me seria de remorso”. Por outro lado, nada quis iniciar fora da obediência. Desta vez é a festa de Dom Bosco a abrir caminho para a solução do problema. Uma ex-aluna oferece à irmã Maria um terreno na colina, pouco fora da cidade e, com a permissão das superiores e do arcebispo, dá-se início aos trabalhos. Em 1973, podem ser inauguradas as primeiras sete pequenas casas para os sem-teto que formam a Ciudadela de Maria Auxiliadora – a número 1, porque outras virão. Os inquilinos comprometem-se a respeitar o regulamento, verdadeiro e próprio decálogo de vida moral, para uma convivência pacífica sustentada pela oração cotidiana. Logo completarão a “ciudadela” uma granja, um pequeno mercado, um salão-teatro-capela.

Irmã Maria não se detém. Encontra apoio importante nas senhoras voluntárias que assistem ou catequizam os pacientes do dispensário e surge, então, a ideia de uma Associação que se chamará ASAYNE (Asociación Ayuda a Necesitados). As Damas da ASAYNE garantem e promovem entre familiares e profissionais a colaboração tecnicamente qualificada e segura, necessária para um empreendimento desse gênero. Elas têm certeza de que ASAYNE, como está no pressentimento de irmã Maria, será capaz de chegar a outros lugares “a toda a República... onde quer que se encontre um indigente”.

É evidente que irmã Maria viveu sempre sem muitos meios em relação às exigências dos projetos que o seu zelo elaborava continuamente. Mas em todas as dificuldades sempre se dirigiu com grande confiança a Nossa Senhora. A ela um dia enviou uma espécie de queixa filial: “Por que a tua preferência por Lourdes? Não somos também teus filhos, e estamos tão longe que não podemos aproveitar aquela água que cura? Não são tuas as águas do mundo, também a desta torneira? Por favor, faze com que se curem os doentes também com esta água”. Não demorou, e obteve uma resposta de Nossa Senhora, quase obrigada, dando para beber a um catequista doente um copinho de água tirada da torneira do pátio. O jovem está com febre devido à forte gripe e irmã Maria não sabe como substituí-lo no dia seguinte, dia de grande trabalho: “Bebe com fé; volta para casa e deita-te, e amanhã poderás ir ao povoado para o oratório que te confiei”. O jovem, inexplicavelmente sem febre, vai ao oratório e mais tarde será sacerdote.

Irmã Maria continua a tirar e distribuir aquela água, sempre com a mesma receita: beber com fé, em pequenos goles, acompanhados sempre de uma Ave Maria. Os fatos prodigiosos se multiplicam e o povo acorre para ter a água de Nossa Senhora. A superiora, alarmada, aconselha que irmã Maria, “por prudência”, suspenda a distribuição. Irmã Maria obedece, mas as pessoas que precisam vão buscar a água por si mesmas e as notícias de graças prodigiosas se difundem largamente, juntamente com a “receita”; dessa forma, irmã Maria,

serenada, pode voltar às suas atividades missionárias sem o temor de ser tachada de superstição ou de artes mágicas. No perfil apostólico poliédrico de irmã Maria Romero, além das várias formas de apostolado operativo, há outra expressão do seu coração missionário que é também de grande relevância: uma atividade que constrói não com pedras e cimento, mas com os dons da esperança, do conforto fraterno, da maternidade compreensiva e generosa, dons de amor evangélico que irmã Maria dispensa com incansável entrega às pessoas pobres, desorientadas, humilhadas que buscam solução para suas indizíveis dificuldades, na família ou na solidão, na pobreza ou na doença, numa vida de vícios ou submetidas à crueldade alheia. Consolar é o compromisso cotidiano de irmã Maria, que ao longo das horas recebe, escuta, eleva, aconselha, orienta. Mais do que muitas palavras é o coração que comunica. Um coração do qual transparece a bondade do Senhor; ela se faz intérprete de Maria Santíssima e convida a pedir o Seu auxílio; os corações sentem-se aquecidos e renascem para uma esperança nova. Estas “audiências” (consultas) para as quais a certo ponto é preciso estabelecer um número de ordem, chegam às vezes a uma duração extenuante, mas irmã Maria não se lamenta. Alegra-se e agradece a Deus quando numa vida “perdida” vê reflorescer a paz e a fé. Esta é, para ela, a mais ambicionada recompensa.

Sua vida termina improvisamente em 7 de julho de 1977, quando decidiu partir, por obediência, para um período de repouso depois de um ano de trabalhos sempre mais pesados. É a partida para o repouso eterno, a contemplar o rosto luminoso do seu Rei e o doce olhar da sua Rainha.

ORAÇÃO

Senhor Jesus, escolheste a Beata Maria Romero para seguir-te nos caminhos de gratuidade no dom de si. Nós te louvamos porque os pobres contemplaram nela a tua face de ternura e confiança. Conduze a nossa vida pelos caminhos do amor abre-nos a todos os teus dons para sermos nós mesmos dom para todos. Nós te suplicamos que queiras glorificar esta tua humilde serva e conceder-nos, por sua intercessão, a graça que te pedimos...Por Cristo nosso Senhor.

Amém.

Referência Bibliográfica: CAMERONI, Pe. Pierluigi. *Como estrelas no céu: figuras de santidade na companhia de Dom Bosco*. Tradução de Pe. José Antenor Velho. Brasília: Edebê Brasil, 2017, pp. 144-149.